

A formação espiritual do músico carismático: crenças e concepções

Gilmar Matta da Silva
Universidade Federal do Pará

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a formação espiritual do músico carismático. Deste modo o artigo desenvolve uma entre várias possibilidades de o Movimento Carismático transmitir o seu sistema de crenças, ligadas aos desempenhos em suas atividades, aos seus adeptos. Neste sentido, o ministério de música da Renovação Carismática Católica do grupo de oração Adonay é visto enquanto um espaço onde se valorizam, além do ensaio dedicado as músicas executadas nas missas e reuniões do grupo de oração, a instrução de seus membros no que concerne aos aspectos místicos e éticos que orientam a atividade do músico.

Palavras-Chave: Renovação Carismática, Ministério de Música, Ministros de Música, Formação Espiritual.

Introdução

Com o impacto da modernidade sob o indivíduo, apontando a razão como única forma de explicação, achava-se que as concepções religiosas e místicas tenderiam a desaparecer, tornando o indivíduo um ser essencialmente racional. Ao contrário do que se pensava, se observa uma grande mudança ocasionada por este processo de modernização, onde de acordo com Campbell (1997), o enfraquecimento da tradição religiosa ocidental e o surgimento de uma nova tradição, pautada no oriente, intensificou o renascimento do paganismo na Europa. ¹ Neste sentido, a nova evangelização tem-se estabelecido como um instrumento bastante eficaz, utilizado pela Igreja Católica, no intuito de proporcionar a volta do homem à busca pelo sagrado, pois segundo Berger “... o [o]cidente moderno tem produzido um número crescente de indivíduos que encaram o mundo e suas vidas sem os recursos às interpretações religiosas.” (Berger, 1985: 119)

Assim, uma das formas adotadas pela Igreja Católica para tornar possível esse contato (homem e divindade) chama-se Renovação Carismática Católica (RCC), a qual vem conseguindo resgatar muitos fiéis em todo o mundo, ao usar um “novo tipo de evangelização” característico das Igrejas Evangélicas onde se dá ênfase a música juntamente com as orações, como demonstra Prandi “... [v]alorizando o céu em detrimento da terra, a teologia protestante mobilizou a juventude basicamente, para a realização de

encontros de louvores em que a música e orações em línguas eram fundamentais.” (Prandi, 1997: 50)

Com relação a este aspecto existem aparentemente poucos trabalhos ² sobre o reavivamento musical, na Igreja Católica, com o advento do Concílio Vaticano II e que se reflete no Movimento de Renovação Carismática. Considerando o enfoque proposto que trata especificamente das concepções e crenças desenvolvidas entre os músicos pertencentes ao movimento carismático, desejo mostrar uma nova abordagem em relação a este fenômeno religioso.

Assim, este artigo visa analisar o ministério de música ³ da Renovação Carismática Católica do grupo de Oração Adonay, ⁴ em Icoaraci/Belém-Pará, privilegiando a formação espiritual do músico ⁵ enquanto espaço de ritualização e doutrinação. Isto é, um espaço onde o músico é instruído nos aspectos pertinentes à sua atividade como: esclarecer o que o que significa ser um ministro de música, o que esse ministro faz, e quais as suas obrigações enquanto ministro de música. Com isso, a formação espiritual proporciona aos ministros um esclarecimento de sua atividade (fundamentada em quatro critérios a serem observados pelos músicos) e pela qual vai lhes dar a base para entender e cumprir as normas colocadas pelo grupo carismático.

Arte versus Religião

Peter Berger (1985), ao analisar o processo de secularização ocorrido na segunda metade do século XX, afirma que as transformações da sociedade moderna desencadearam, paulatinamente, um processo de individualização das diversas esferas sociais, como a arte, a sexualidade, a política, etc; devido à nova forma de refletir adquirida pelo homem, que passa, cada vez mais, a se distanciar do pensamento religioso.

Há de se notar que a própria Igreja Católica, ao dar conta da atual conjuntura teve que se adaptar para não tomar uma posição isolada, que acarretaria em um desgaste de sua mensagem, frente às novas condições sociais. Tanto é que foi através do Concílio Vaticano II que se pôde visualizar a força deste processo, no seu interior, mais precisamente, a partir das reformas pós – conciliares. A respeito disso diz Sena, fazendo referência ao Concílio, que este foi o “... maior emblema de modernização e penetração da secularização.” (Sena, 1999: 1)

Por sua vez, Pierre Sanchis (1984), ao examinar a produção do cântico católico, em período de recente mudança institucional da Igreja Católica, observa que a Igreja passou a congregar vários ritmos populares, a partir das reformas ocorridas na dimensão litúrgica, provenientes do Concílio Vaticano II, dentre elas este autor destaca:

“... Par. 39 – No tocante às adaptações relativas, entre outros pontos, no que se refere à música sacra, a autoridade competente será a autoridade eclesiástica local. Par. 40 – Quanto a adaptações mais profundas, a partir das tradições e da mentalidade de cada povo, essa mesma autoridade local estudará propostas a serem submetidas à Sé Apostólica. Par. 119 – Já que, sobretudo em países de missão, existem povos cuja vida social e religiosa está profundamente marcada por uma tradição musical própria, dever-se-á conceder essa música à devida estima e adaptar a liturgia ao gênio desses povos. Par. 120 - O órgão, instrumento tradicional, goza de profunda estima. Mas outros instrumentos poderão ser introduzidos no culto pela autoridade territorial competente, no caso de serem ou poderem ser adaptados ao uso sagrado, de combinarem com a dignidade do templo e favorecerem verdadeiramente a edificação dos fiéis.” (Sanchis, 1984: 62)

Apesar de todas as transformações ocorridas dentro desta instituição, hoje se torna novamente importante dialogar com as diversas esferas da vida social, dentre elas a arte, para colaborar no plano da evangelização de uma parcela de indivíduos que deixaram de frequentar sua religião de origem. Sendo que esse diálogo entre religião e arte, conforme Weber, tendeu “... a formar uma relação cada vez mais tensa. Todas as religiões sublimadas da salvação focalizaram apenas o significado, e não a forma, das coisas e atos relevantes para a salvação. As religiões salvadoras desvalorizaram a forma como contingente como algo da criatura e que a afastava do significado.” (Weber, 1978: 391)

Em sua carta direcionada aos artistas, o Papa reconhece a importância destes no contexto da evangelização, uma vez que “... é precisamente a arte que continua a constituir uma espécie de ponte que leva à experiência religiosa.” (Carta aos artistas, 1999: 21). Com isso, ao utilizar os meios acessíveis para atingir o seu objetivo, a Igreja Católica conta com a ajuda de jovens engajados no movimento carismático, através dos ministérios de música, onde se consideram portas - vozes de Cristo, não só no sentido de levar uma mensagem de amor e paz aos homens, mas também de estabelecer o contato entre Deus e o povo. Como resumem os ministros de música.

“... [a] minha importância, o meu valor que eu devo ter, a minha consciência que eu devo ter como ministra de música é isso, passar a mensagem, a boa nova de que Deus vive e ama os

seus filhos. É muito gratificante poder fazer parte deste ministério, de poder através de mim o Senhor me usar e tocar os corações das pessoas.” (C. F, Ministra de música)

“[d]esde sempre, na história do povo de Deus, a música assume um papel de veículo que leva o homem a Deus e traz Deus até o homem. Davi tocava e dançava louvando o Senhor. Hoje, os ministérios de música assumem, ou continuam assumindo esse papel, trazendo o povo para a igreja e fazendo com que este tenha um encontro pessoal com o Senhor. Este é o papel do ministério de música na Igreja hoje.” (D., Ministro de Musica)

Segundo Prandi (1997), apesar das resistências de uma parte do clero contra a RCC, sua “simpatia” não tardou a acontecer. Devido o reconhecimento da Igreja, em vista da capacidade deste movimento atrair os fiéis afastados. Hoje, dentre as várias estratégias empreendidas pela Igreja Católica, se encontra a pretensa aliança entre religião e arte, ⁶ estimulada pelos ministérios de música que procuram contribuir na recomposição de fiéis para o quadro católico; procurando, através de uma mensagem intimista, reviver, no sujeito, o aspecto místico da presença do Espírito Santo. Para concretizar esta performance, tais indivíduos se submetem ao intenso processo de ritualização, que na sua concepção propicia o desempenho real da ação do Espírito Santo em suas funções.

A Formação Espiritual do Músico

1. Consciência

Seguindo a concepção dos membros das Igrejas Neopentecostais, referente ao combate espiritual, a Igreja Católica através da Renovação Carismática, novamente, põe em evidência a figura do demônio como um referencial sobrenatural das aflições atribuídas aos indivíduos. Entre os carismáticos no que se refere aos ministros de música, esta apologia da consciência do combate espiritual percorre, no seu imaginário, como um “... pelotão de frente do exército de Deus.” (Sena, 1999: 6). Também, entre os neopentecostais, pode-se perceber as aproximações dessa visão, em que os adeptos do neopentecostalismo devem se engajar no “bom combate”, ou seja, em torno do confronto entre o bem e o mal carismáticos e neopentecostais vão assumir posições importantes na “guerra espiritual”. Entre essas posições, o fato de que estão “... engajados, no lado divino, crêem deter poder e autoridade, concedidos a eles por Deus, para, em nome de Cristo, reverter às obras do mal.” (Mariano, 1995: 113)

Nesta ofensiva os adeptos da RCC, candidatos a ministros de música, são estimulados, através dos conhecimentos que lhes são fornecidos, a adquirirem consciência do seu papel na batalha espiritual. Isto mostra o que Ricardo Mariano constatou na crença neopentecostal da guerra contra o diabo, a qual “... não está circunscrita apenas a Deus/anjos x Diabo/demônios. Os seres humanos, conscientes disso ou não participam ativamente de uma ou de outra frente de batalha.” (Mariano, 1995: 113)

Nesta frente de batalha a RCC desenvolve estratégias de afirmação de identidade e ao mesmo tempo se empenha em atrair os católicos afastados para dentro da Igreja Católica. Para isso ela desqualifica, através da condenação e demonização, o uso de práticas religiosas provenientes do espiritismo e cultos afro.

Particularmente, entre os ministros de música, o combate espiritual travado contra o diabo se dá no campo da música, em que eles dizem ter “plena” consciência de que o mundo está constituído de diversas “armadilhas” – entre elas a música – que visam afastar os homens da presença de Deus. Como explica uma ministra:

“[h]oje o nosso mundo está cheio de armadilhas, essa é a verdade. E umas das armadilhas que o mundo nos oferece é a música. A música atrai muitos jovens, atrai muitas pessoas. E a importância de estar no ministério de música, ministrar também a música, sendo esta música para Deus é muito importante.”(M. C, Ministra de música)

Este problema para um outro ministro é resultado da ação de Lúcifer em seduzir os homens, utilizando a música de maneira errada, pois esta os estimula a vivenciarem os prazeres mundanos. Observe a sua afirmação:

“... [a] música vem do céu, onde os anjos entoam louvores a Deus. Ela ta sendo deturpada por Lúcifer, né! que era um querubim que ministrava louvores a Deus, ele entende muito desse meio, do saber dele, pra confundir os filhos de Deus com músicas profanas que deturpam a fé, o sexo, e tudo mais né!. Então ele usa dessa música pra afastar o povo né! ... e a gente tem que fazer de tudo consciente de que a música tem esse papel , na Igreja, de arrebatar, além de louvar a Deus, e trazer os filhos de Deus.” (J. C, Ministro de Música)

Dessa forma com a intenção de sacralizar o espaço configurado pela música na sociedade, a RCC a vê como “... possibilidade de salvação e tenta reintegrar, em uma esfera única, a música e a religião. Ou melhor, por meio da execução ritual da música, a RCC ambiciona essa reintegração.” (Sena, 1999: 10). O que resulta no retorno do encantamento

da religião ao assumir, para além do aspecto lúdico, a função de veículo de manifestação do sagrado.

Assim, nesta luta contra o mal, os ministros de música, conforme a sua orientação, devem ser conscientes e dispostos a agir sob a inspiração do Espírito Santo para levar “... os fiéis, suas mentes, seus corpos e seu ‘interior’ a um contato com o sagrado.” (Sena, 1999: 11). Mas, para que haja eficácia deste trabalho, o músico deve agir com obediência perante a hierarquia da Igreja Católica e do Movimento Carismático.

2. Obediência

Nas diversas análises desenvolvidas em torno do movimento carismático vários autores ⁷ mostram que o movimento absorveu elementos do protestantismo e do catolicismo na constituição de suas práticas religiosas. Dentre as quais, destacamos a obediência entre os seus adeptos, que segundo a análise weberiana sobre os três tipos de dominação, especificamente a dominação carismática, está centrada na “... figura do seu líder que possui um Dom (pessoal) de ordem sobrenatural, o qual tem como fundamento à crença dos adeptos na sua excepcionalidade.” (Weber, 1996: 152)

Neste sentido, Weber mostra que em toda relação social as pessoas se submetem a uma dominação ou autoridade devido à existência de um elemento fundamental para a sua manutenção: a legitimação. Sem isso “... nenhuma dominação contenta-se voluntariamente com motivos puramente materiais ou afetivos ou racionais referentes a valores, como possibilidades de sua persistência. Todas procuram despertar e cultivar a crença em sua ‘legitimidade.’” (Weber, 1996: 139). Embora necessite também do consentimento dos dominados nesta relação, ou seja, Weber coloca que deve haver, por parte dos dominados, uma certa vontade em se obedecer, sem isso a relação tende a se tornar efêmera. Nesse caso, de acordo com o assunto – a obediência carismática – fica bem explícito o que Weber colocou acima; observe os discursos dos ministros de música:

“... [s]e ele tiver em oração, se ele tiver o discernimento correto, do que é à vontade de Deus, por amor ao serviço, por amor ao chamado, a gente deve ter obediência em tudo. Mesmo que a gente ache que ele esteja errado, mas a gente deve ser obediente pra que, se houver um erro no futuro ele se responsabilize e nós continuamos sempre obedientes.” (J. C, Ministro de música)

“... [o] que eu acredito é que tudo o que o coordenador do ministério de música fala ou determina para o ministério de música é através de muita oração. Porque o coordenador tem

que ser uma pessoa muito orante, né! Tem que ser uma pessoa de vida de oração mesmo. Então, tudo o que Deus fala pra ele, ele passa para o ministério de música, a gente deve acreditar nessa verdade.” (C. F, Ministra de música)

Esse tipo de legitimação, baseado na crença por parte dos ministros de música de um dom sobrenatural do líder carismático, faz com que eles estabeleçam uma ordem de responsabilidade e compromisso, em que esse tipo de relação possui um caráter sagrado. Ao assimilarem essa relação, os ministros elaboram modelos de representações caracterizados a partir das ações dos personagens bíblicos. Se de um lado, a noção de obediência aparece como algo independente da vontade de humana, através, por exemplo, da ação de Maria (ao dar o sim em resposta ao anúncio do anjo), como “um gesto de virtude, amor e fé” em não prejudicar os planos de Deus para os homens. Por outro, a desobediência é demonstrada a partir das ações de Adão e Eva e de Lúcifer (queriam igualar-se a Deus), como um fator autônomo e perigoso por suas características dentro dessa relação constituída pela sacralidade. Isso implica em uma ameaça aos planos de Deus, ocasionando a queda de ambos, por não se submetem às ordens divinas:

“[a] obediência é um sinal visível de coisas de certas, né!. Maria, ela foi obediente desde o primeiro instante. E nenhum momento, Maria fez algo que prejudicou a Deus”(M. C, Ministra de Música).

“[a] obediência no ministério de música é fundamental. Porque nós sabemos que o primeiro pecado foi o da desobediência de Adão e Eva, né! que Deus não queria que eles comessem do fruto do conhecimento e eles foram desobedientes e comeram. E no ministério de música tem que haver obediência como tudo em qualquer grupo ou equipe.” (J. C, Ministro de música)

“... [Lúcifer era um ministro de música, ele entoava louvores pra Deus, e, por sua vaidade, por sua desobediência, ele foi expulso do céu⁸. Então como ministra de música eu devo entoar louvores ao Senhor, louvar o Senhor. A música atrai as pessoas, de certa forma encanta as pessoas, elas apreciam muito.” (C. F, Ministra de Música)

Esses critérios da consciência e obediência serão bastante relevantes para os ministros em processo de formação quando estiverem exercendo suas funções. Isto se identifica a análise dos rituais nas sociedades tribais empreendida por Turner (1974) ao encontrar no comportamento dos seres liminares “... uma mistura de submissão e santidade, de homogeneidade e camaradagem.”, durante a fase de preparação “... para serem modeladas de novo e dotadas de outros poderes, para se capacitarem a enfrentar sua nova situação de vida.” (Turner, 1974: 118)

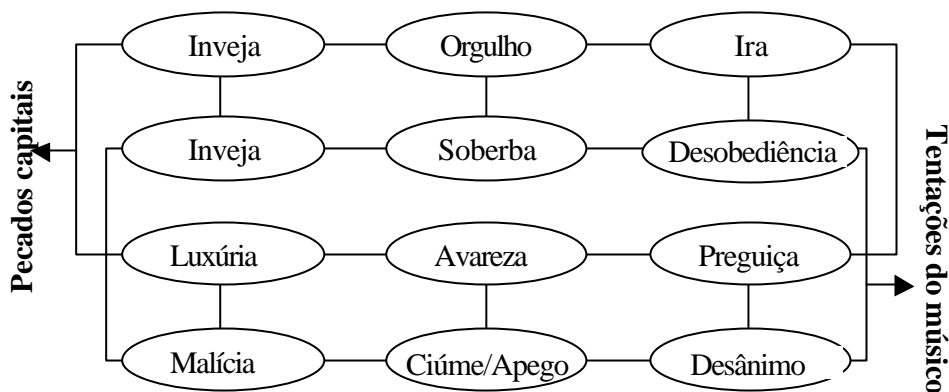
Em decorrência disto, torna-se necessário trabalhar outro aspecto no exercício da sua atividade: as tentações do músico, uma vez que o risco em ser tentado, embora esteja ligado às ações de Lúcifer, possa também ser proveniente da própria autonomia do músico consciente de sua ação.

3. Tentações

A crença na existência do demônio, entre os membros da Renovação Carismática, reforça a construção do mal através da personificação de um ser sobrenatural, o qual induz os seres humanos a pecar. Conforme foi visto, no item consciência, cabe ao ministro de música ter consciência do seu papel no “combate espiritual” travado contra o demônio. Esta visão da existência do demônio presente na RCC se aproxima da visão neopentecostal, em que segundo Barros, analisado por Ari Pedro Oro, diz que para os seguidores desta corrente “... o diabo não é somente a antítese (o arquiinimigo) de Deus. Ele é a encarnação do mal, uma presença constante (e ameaçadora) na vida e no cotidiano das pessoas.” (Oro, 1996, nota10: 57)

Brenda Carranza (2000), em sua pesquisa, também observa a existência da figura do demônio entre os membros da renovação carismática, a partir de um discurso demoníaco. Com isso, segundo esta autora, transfere-se a causa dos problemas vividos pelos seres humanos, de um plano social para um plano mítico-religioso, mediado pela intervenção sobrenatural, o que faz com que as camadas menos favorecidas da sociedade absorvam a mensagem propagada pelo movimento, que deste modo penetra no meio popular oferecendo recursos religiosos (cura, libertação, milagre, exorcismo) e a incorporação de elementos subjetivos (emoção, sentimento, conforto, tranquilidade), no intuito de amenizar a instabilidade social vivida pelo fiel.

Assim, observando alguns discursos dos ministros de música, durante a pesquisa, tendo como referência às tentações (pecados) que mais os atingem, percebe-se a relação de algumas categorias (malícia, inveja, ciúme, soberba, desobediência, desânimo) quando confrontadas com os pecados capitais.⁹ Assim, para efeito de análise vamos explicitar essa relação entre os pecados capitais com as tentações do músico. Veja o diagrama abaixo.



Ao explicitar esta relação entre os pecados capitais e as tentações do músico, procura-se relacionar, em termos de similitude, ambas as categorias. Observe-se que o diagrama apresenta-se dividido em dois níveis. No primeiro nível encontram-se os pecados capitais (inveja, orgulho, ira) que compreendem as tentações do músico (inveja, soberba, desobediência) presentes em seus discursos. Enquanto que no segundo nível temos os pecados capitais (luxúria, avaréza, preguiça) que correspondem às tentações do músico (malícia, ciúme, desânimo), as quais são consequência do processo desenvolvido no primeiro nível que atua sobre os músicos.

Dando continuidade à explicação, tomamos para efeito de análise as categorias pertencentes ao grupo de pecados capitais colocados no segundo nível de relação, cujo processo inicia no primeiro nível. Assim, luxúria/malícia mantêm uma relação a partir de uma má intenção diante da atividade do musical que indica a ausência de preceitos éticos na atuação do músico, onde a malícia operada no seu agir (tocar por interesse, ser reconhecido), revela uma forma de luxúria devido ao músico estar corrompido pelas supostas aquisições materiais, a serem adquiridas no exercício desta atividade.

A avaréza/ciúme apresentam como elo comum o acúmulo de posses (teoria musical e técnicas instrumentais), pois o ciúme (apego a esses elementos) constitui uma forma de avaréza em não partilhar seus dons com os outros, sob o risco destes posteriormente se tornarem ameaça à sua hegemonia.

Com relação à preguiça/desânimo temos como eixo mediador à falta de consciência, mediante o surgimento de problemas ocasionados por suas ações, as quais provêm de um desânimo (estado, de acordo com sua crença, relacionado, à ação de um ser sobrenatural) que atua através da preguiça em virtude da perda de motivação do seu chamado.

Vejamos, agora, o primeiro nível de relação pelo qual o segundo nível está relacionado. Neste nível, como se falou anteriormente, estão localizadas as categorias de base que influenciam no surgimento das demais. A relação inveja/inveja é acionada a partir de um sentimento de cobiça, seja de uma posição (*status*) ou um bem material; no caso dos ministros de música, a inveja está ligada tanto à perda quanto à aquisição de status social no ministério.

Orgulho/soberba se revelam através do sentimento de superioridade, pelo qual o músico com soberba age com indiferença perante aquilo que lhe é apresentado, revelando uma forma de orgulho por se achar o melhor entre os ministros.

A ira/desobediência são revelados através de um sentimento de revolta em relação às decisões tomadas pelo coordenador, onde a desobediência diante deste aspecto (não aceitá-las), constitui uma forma de ira, pois revela uma oposição contra a autoridade do coordenador, podendo gerar conflitos no ministério.

Então, todo o efeito maléfico exposto no comportamento dos ministros de música, através das tentações, é consequência destas categorias (inveja, orgulho, ira) que compõem o primeiro nível. Assim, tenta-se evita-lo para que não ocorra uma desarmonia no ministério. Com isto, novamente, volta-se a propagar um discurso demoníaco referente às causas das tentações entre os ministros de música. Porém, neste universo, os ministros possuem uma parcela de culpa; isto se deve ao fato de compartilhar de um aspecto bastante conhecido na tradição do cristianismo, que é a noção de livre-arbítrio, ou seja, o indivíduo possui autonomia de escolha sobre os seus atos. Mas independentemente da sua opção, ele sempre contará com os recursos estabilizadores, no movimento, e na própria religião que lhe imuniza da culpa, já que sua própria natureza apresenta esta tendência para o mal.¹⁰

Isso proporciona aos indivíduos uma maior integralização enquanto membros de um segmento religioso devido à capacidade deste induzir "... um certo número de credos e práticas comuns a todos os crentes, tradicionais e, portanto, obrigatórias." (Durkheim, 1977: 182). Portanto, o vínculo a este segmento religioso garante um maior controle sobre os seus membros a partir da criação de espaços de ritualização, onde estes absorvem noções (princípios éticos e morais) do comportamento religioso.

4. A Pessoa do Ministro de Música

Nas diversas sociedades estudadas por antropólogos, essa categoria do espírito humano (pessoa) nos termos de Mauss, assumiu a definição ocidental que privilegia a ação individual. Todavia isso ocorreu pelo fato dos antropólogos desconsiderarem a variedade de sentido que essa noção apresenta na experiência coletiva do grupo ou sociedade estudada, vindo a ocasionar problemas em suas análises.

Em contrapartida, Marcel Mauss (1974) considerando as variações dessa noção nas diversas sociedades, afirma que elas só podem ser entendidas enquanto práticas coletivas que os indivíduos constroem, dando sentido à ação social, apenas variando de sociedade para sociedade. A esse respeito, Geertz também afirma que “... para entender as concepções alheias é necessário que deixemos de lado nossa concepção, e busquemos ver as experiências de outros com relação à sua própria concepção do eu.” (Geertz, 1998: 91)

Em se tratando do movimento carismático, a construção dessa categoria busca homogeneizar, entre seus membros “... um aperfeiçoamento moral com ênfase na pureza e na experiência religiosa”, fundamentada através de uma “... atividade devocional intensa” (Carranza, 2000: 153), peculiar dos grupos de internalização.¹¹ Particularmente, o grupo Adonay estimula os seus membros a uma intensa vida em comunidade,¹² dando condições para mantê-los enclausurados¹³ na ideologia da renovação carismática. Contudo, apesar dessa noção ser definida por princípios do cristianismo, vê-se que há aproximação do modo de ser pentecostal, principalmente entre o neopentecostalismo, com o modo católico, pois “[o] neopentecostalismo – especialmente o da terceira onda,¹⁴ segundo a tipologia de P. Freston, – introduziu importantes mudanças no modo de se apresentar dos crentes em relação aos padrões tradicionais.”¹⁵

Ao manter uma relação de proximidade com os padrões éticos do protestantismo, sobretudo com o pentecostalismo, os carismáticos elaboram sua noção de pessoa cristã a partir da associação dos elementos contidos no protestantismo e no catolicismo. Além disso, a noção de pessoa entre os carismáticos apresenta-se sob formas “ambíguas” que, mesmo assim, dão sentido à práxis religiosa da RCC; sendo isto o fator que norteia tanto a aproximação como o afastamento dos carismáticos junto aos grupos pentecostais.

Considerações sobre a formação do músico

Assim, em torno deste procedimento, convém considerar dois pontos essenciais: no primeiro ponto a formação é concebida como um rito pelo qual os ministros de música devem passar antes de exercerem suas funções no ministério. Neste sentido, sua ação manifesta, por parte do movimento, uma forma de controle social no intuito de reeducar os antigos membros do ministério a compartilharem, novamente, as crenças que fundamentam a ideologia da RCC e que perpassa no ministério de música; reforçando, com isso, os laços de unidade entre os membros antigos e os novatos, colocando-os numa “condição uniforme” assumindo um comportamento semelhante aos neófitos nos ritos de passagem observados por Turner na África. Por outro, a formação tem por objetivo informar e apresentar aos futuros ministros de música os preceitos que regem esse cargo por eles cobiçado, valendo-se da autoridade do coordenador em moldar a personalidade desses indivíduos utilizando, para isso, mecanismos “coercitivos”. A isso devemos nos reportar a Turner quando mostra a condição dos neófitos na fase liminar, ao compara-los como:

“[u]ma tabula rasa, uma lousa em branco, na qual se inscreve o conhecimento e a sabedoria do grupo, nos aspectos pertinentes ao novo ‘*status*’. Os ordálios e humilhações com frequência de caráter grosseiramente fisiológico, a que os neófitos são submetidos, representam em parte a destruição de uma condição anterior e, em parte, a têmpera da essência deles, a fim de prepará-los de antemão, para não abusarem de seus privilégios. É preciso mostrar-lhes que, por si mesmos, são barro ou pó, simples matéria, cuja forma lhes é impressa pela sociedade.” (Turner, 1974: 127)

O que fica bastante evidente é que o ministério de música da RCC está muito próximo do modelo de *communitas*.¹⁶ Como outrora percebemos, sua função é criar, entre todos os ministros, uma rede de “solidariedade” e anular através da formação, qualquer tipo de comportamento independente, possível de ser encontrado neste modelo, vindo a ocasionar problemas na estrutura deste segmento religioso.

Já o segundo ponto envolve a relação entre o discurso da formação com a prática dos ministros. A esse respeito, pode-se dizer que embora os ministros estejam enquadrados em um tipo de moral fechada¹⁷ suas ações assinalam aquilo que Henri Bérgson (1978), comentado por Turner, encontrou nas “... palavras e nos escritos dos profetas e dos grandes artistas ...” (enquadrados na categoria de seres liminares), a presença de uma moral aberta,

onde tais pessoas conduzem suas relações fora dos parâmetros estruturais. (Turner, 1974: 155)

O que se deseja mostrar é que tais indivíduos deixam transparecer, em suas relações duas espécies de modelos articulados para dentro e para fora deste segmento religioso. No primeiro caso, tal modelo é marcado por uma série de prescrições envolvendo um tipo de conduta definida, ao passo que, no segundo caso, vemos a perda de um padrão articulado em substituição a um modelo mais genérico do comportamento humano, podendo para efeito de análise ser enquadrados na categoria de desviantes. Segundo o estudo realizado por Becker (1976), o termo desviante refere-se a uma categoria de pessoas que, ao transgredirem as normas de um grupo social, refletem uma posição contrária àquela compartilhada pelo grupo.

Em diversas ocasiões observando os ensaios, formações e conversas dos ministros fora do âmbito religioso nota-se que alguns ministros assumiam posturas opostas em relação aos outros integrantes como: ficavam desconcentrados durante a oração, não tinham o costume de rezar no início e no final do ensaio quando o coordenador estava ausente. Dessa forma, concordamos com Becker quando afirma que a sociedade ao elaborar regras provoca o desvio, pois, como foi constatado, sua manutenção (regras) não garante uma homogeneidade social. Embora se tente forjar um modelo padronizado de comportamento, deve-se considerar que entre os ministros tal modelo está sujeito a uma reconstrução marcada em sua forma de agir dentro e fora do ministério.

NOTAS

¹ Cf. Campbell 1997.

² Destaco alguns trabalhos desenvolvidos no campo das Ciências Sociais e outros na área da música: Cf. Sanchis 1983a; 1988b; Schurmann 1989; Cunha 1993; Wisnik 1999; Navarro 2000 e Seman 2000.

³ A palavra ministério designa um encargo de serviço destinado para um determinado fim, por sua vez ministro é a pessoa que ocupa esse cargo ou função. O ministério de música além desse nome recebe outras denominações como: ministério de frente ou pelotão de frente, que tem como função principal estabelecer o contato entre Deus e os homens. Este ministério é composto (segundo os seus membros) por pessoas que recebem o chamado de evangelizar através da música. É um ministério feito de pessoas que não vêem as aparências (obstáculos), pois são fiéis ao chamado e apresentam autoridade espiritual (unção) que convence o povo no sentido de fazer com que este abra o coração para Deus agir.

⁴ O grupo de Oração Adonay desenvolve suas atividades em Icoaraci (distrito de Belém) e conta basicamente com a participação de jovens, embora haja um número significativo de adultos que assumem os cargos de liderança. Com oito anos de caminhada, o grupo apresenta-se organizado da seguinte forma: Núcleo, ministério de cura, ministério de música, ministério de arte, ministério de pregação, equipes de recepção e liturgia, Adonay mirim, livraria, secretaria e tesouraria. Esse grupo se destaca em relação aos demais, em virtude da intensa atividade de evangelização que exerce na sua Paróquia. Sendo que se podem ressaltar os eventos em que se dá ênfase a música, como: A arca de Noé, O Espírito e a esposa dizem vem!. Este grupo prioriza, também, a instrução de seus integrantes através dos cursos de formação básica (FB), ministrados em cinco módulos sequenciais que abordam a doutrina Católica.

⁵ São estudos que abordam os aspectos pertinentes à conduta espiritual e moral na atividade do músico. Elaborados pelo Movimento Carismático.

⁶ Entre os diversos “núcleos” que compõem o “corpus” da Renovação Carismática, encontra-se a Secretaria Davi das Artes que atua em diversas modalidades da arte evangelizadora (música, teatro e dança), visando um aprimoramento técnico-espiritual dos seus adeptos no desenvolvimento de suas funções no movimento. Estimulo-os através do discurso ideológico a estarem sensíveis à sua mensagem no ato de lidar com a arte.

⁷ Oliveira 1978; Machado 1996; Oro 1996; Prandi 1997; Sena 1999; Carranza 1998 e 2000.

⁸ Conforme a crença dos ministros de música “... a função de Lúcifer no céu era executar com maestria a música celeste, mas por encher-se de orgulho, não lhe coube lugar no coro dos anjos.” (Tannus, 1996:118)

⁹ “Cada um dos setes vícios ou faltas graves catalogadas pela Igreja na Idade Média, e que fazem parte da tradição cristã. São eles: avareza, gula, inveja, ira, luxúria, orgulho, e preguiça.” Cf. Ferreira 1986.

¹⁰ Em sua pesquisa Prandi constata que “... os carismáticos concebem a existência de um mal maior que é a soberba do homem e a indiferença de Deus, e isso é uma fonte de infelicidade e dor muito mais importante do que o agir de um ser de vida própria que está sempre se encostando e atormentando a vida das pessoas. O diabo existe e provoca o mal, mas o mal maior está em cada um de nós.” (Prandi, 1997:31)

¹¹ “O florescimento dos grupos de ‘internalização religiosa’ na segunda metade do século XX, constituiu uma alternativa religiosa ao catolicismo tradicional predominante no Brasil. Candido Procópio de Camargo ... enfatiza a forma consciente e deliberada com que tais grupos adotavam novos valores, normas e práticas religiosas, ressalta o desenvolvimento dessa religiosidade (inspirada na tradição protestante) dentro da própria religião hegemônica, através dos movimentos de leigos de natureza diversificada.” (Machado, 1996:81-82)

¹² “Chamamos comunidade a uma relação social na medida em que a orientação da ação social – seja no caso individual, na média ou tipo ideal – baseia-se em um sentido de solidariedade: o resultado de ligações emocionais ou tradicionais dos participantes.” (Weber, 1987:77)

¹³ Além das práticas religiosas que vigoram no movimento (glossolalia, repouso no espírito, etc) e que fomentam a vida religiosa dos membros da RCC, outras como no caso da prática do pastoreamento realizada sempre aos domingos após a missa das 18:00h. Esta prática consiste em um diálogo efetuado por um membro experiente e um novato, onde este relata suas dificuldades enfrentadas durante a semana passada. Após ouvir o relato, o membro experiente denominado ‘pastor’ aconselha o novato denominado ‘ovelha’.”

¹⁴ Ari Pedro Oro comentando o esquema de Paul Freston afirma que “... a terceira onda começa no final dos anos 70, ganha força nos anos 80 e a ênfase é posta no exorcismo das forças demoníacas.” Este autor também, afirma que as igrejas da terceira onda “... são também chamadas de igrejas pentecostais autônomas ou neopentecostais.” (Oro, 1996:21)

¹⁵ Oro op. cit.: 54.

¹⁶ Para este autor o termo *communitas* "... é o da sociedade considerada como um 'comitatus' não estruturado, ou rudimentarmente estruturado e relativamente indiferenciado, uma comunidade, ou mesmo comunhão, de indivíduos iguais que se submetem em conjunto à autoridade geral dos anciãos rituais." (Turner, 1974:119)

¹⁷ Turner, comentando Bergson, afirma que este "... fala de um modo como um grupo fechado preserva sua identidade contra os membros de grupos abertos, protege-se contra as ameaças do seu modo de vida, e renova o desejo de manter as normas de que depende o comportamento rotineiro necessário à sua vida social." (Turner, 1974:135)

Referências Bibliográficas

BECKER, Howard. *Uma teoria da ação coletiva*. Rio de Janeiro, Zahar, 1976.

BERGER, Peter. *O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião*. São Paulo, Paulus, 3ª ed., 1985.

CAMPBELL, Colin. "A Orientalização do Ocidente: Reflexões para uma nova teodicéia para um novo milênio". *Religião e Sociedade*, vol.18/1, n.1, 1997: 7-22.

CARRANZA, Brenda. *Renovação Carismática Católica: origens, mudanças e tendências*. São Paulo, Santuário, 2000.

DURKHEIM, Émile. *O Suicídio*. São Paulo, Martins Fontes, 1977.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2ª ed., 1986.

GEERTZ, Clifford. *O Saber Local: Novos Ensaios em Antropologia Interpretativa*. Rio de Janeiro, Vozes, 1998.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostalismo: Sociologia do Novo Pentecostes no Brasil*. São Paulo, Loyola, 1995.

ORO, Ari Pedro. *Avanço Pentecostal e Reação Católica*. Rio de Janeiro, Vozes, 1996.

PRANDI, Reginaldo. *Um sopro do Espírito: a renovação conservadora do catolicismo carismático*. São Paulo, Edusp, 1997.

SANCHIS, Pierre. "O Cântico Católico e o 'nacional popular'. O caso do Brasil e o caso de Portugal". *Religião e Sociedade*, n.11/1, 1984: 60-75.

SENA, Emerson José. Os Sons Elementares do Espírito: notas sobre a música como um rito na Renovação Carismática Católica. In: **IX JORNADAS SOBRE ALTERNATIVAS RELIGIOSAS NA AMÉRICA LATINA**, 9., 1999, Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, 1999. Seminário temático 07: Religião, diversão e arte. Disponível em: <http://www.ifcs.ufrj.jornadas/br>. Acesso em: 30 Nov. 2000 (mimeo).

TURNER, Victor. *O Processo Ritual (Estrutura e Anti-Estrutura)*. Rio de Janeiro, Vozes, 1974.

TANNUS, Roberto de Andrade et al. *Formação Espiritual de Evangelizadores na Música*. São Paulo, Santuário, 1996.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 3ª ed., 1978.

_____. *Economia e Sociedade: Fundamentos de uma Sociologia Compreensiva*. Brasília, UnB, 1996.

_____. *Conceitos Básicos de Sociologia*. São Paulo, Moraes, 3ª ed., 1987.

Documento Consultado

Carta do Papa João Paulo II aos Artistas. São Paulo, Paulinas, 2ª ed., 1999.